

S. Tiago de Cacem.....	73	S. Vicente da Beira .....	86
Santo Tirso .....	16	Villa do Bispo.....	77
Tomar .....	55	Villa do Conde .....	17
Valença .....	2	Villa Pouca d'Aguiar .....	28
Viana do Castello .....	9	Viseu .....	46

### A antiguidade em Belver

Breve preâmbulo—Primeiras impressões—O castelo de Belver—A ermida de S. Brás—Soberbo retábulo—A Tôrre de Menagem—O panorama—Vestígios da época lusitano-romana—Restos do Pelourinho—Notícias orais.

Quem, partindo de Lisboa para seguir o caminho de ferro da Beira Baixa, fôr mirando, através dos vidros da carruagem, o magnífico estuário do Tejo, não poderá deixar de discernir a variedade de aspectos, que êle assume, desde o mar até as fantásticas *Portas de Ródão*. É uma grandeza com que êle domina o viajante, afirmando-lha insistentemente, por formas diversas, como se alguêm lha contestasse por mísero despeito. E essas águas, buliçosas sem descanso, que nós vamos vendo continuamente ao encontro do nosso caminho, figuram-se-nos possuídas duma alma superior à nossa, pela sua forte majestade, ora tranqüila, ora irritada.

Debaixo destas silenciosas impressões, ia eu, num dia da primavera de 1910, galgando essa linha férrea e convencendo-me de como era bem lógica a divinização dos rios e da natureza na antiguidade. E, consoante me aproximava do cabo da minha viagem, assim desfibrava, em íntima análise, as premissas da sugestão naturalística, com que o grande rio me absorvia, primeiro com a sua ampla agitação oceânica; mais acima, com a sua quasi carinhosa saturação das várzeas sem limite e por último com a sua enovelada corrente entre os abismos de granito, que êle sulca no seu curso alto. Era contudo sempre o mesmo grande rio, que falava ao meu espirito amigo da natureza, embora inacessível a um panteísmo já decaído.

Neste demorado colóquio sem palavras, me fui afastando cada vez mais do ponto da partida até que, por momentos, susteve o fôlego a locomotiva possante. Era o termo da minha viagem; era Belver.

A ninguêm que, como eu, levasse àquela povoação um fito arqueológico, era decerto recusado êste confiar ao papel impressões subjectivas duma curta excursão, tanto mais que as fui arrumando, para passar o tempo e o caminho, ao lado de reminiscências pagãs da antiguidade; por isso considero-me justificado do preâmbulo.

Volvamos agora a lauda e passemos a contar ao *Archeologo Português* o que lhe mais interessa.

\*

Belver é hoje, como bastantes outras terras portuguezas, um resto das raízes, que outrora alguns castelos bracejavam em redor, produzindo núcleos de apaniguados e dependentes, que se foram ligando à terra frugifera.

Quem desce na estação do caminho de ferro e olha em tórno, com um princípio natural de curiosidade, não vê mais do que, sôbre si, escalavrados despenhadeiros. ¿Onde está Belver? Longê, decerto. Não! Bem perto; detrás dum castelo roqueiro que, pouco adiante, só num retórno de caminho, se avista coroando um alcantilado morro, e que do alto vigia o córrego do Tejo e as suas margens agudas.

Não se apaga fácilmente a memória dessa visão antiga, porque o castelo de Belver conserva ainda muito da sua architectura primeira, os panos torreados dos muros e dos cubelos, a tórre de menagem de alicerces ciclópicos, as cisternas e outras dependências.

Monumento nacional devia ser e sê-lo há sem dúvida. Não falo já das lembranças militares que evoca esta, como outras audazes construções, ali erguida por uma Ordem de Cavaleiros<sup>1</sup>, para se firmar em mais um cunhal de rocha a nossa pátria nascente; essas lembranças levam-me sempre a mim, para com os braços, indomáveis à fadiga e à guerra, dêsses homens que a fundaram, um sentimento de gratidão de que muitos hoje, na embriaguez da vida, se obstinam em ser de todo esquecidos. Mas afora isso, êste pedaço da architectura militar da nossa meia idade vale em si mesmo, pelo seu estado razoável de conservação, o cuidadoso estudo dos técnicos e o respeito de gente civilizada.

\*

A porta principal, voltada ao Tejo, abre para uma larga rampa, escadeada, que logo vem de furta a volta ao assaltante, não lhe consentindo a aproximação da entrada, senão em magro número e embelesgado contra o recanto formado por dois cubelos quadrados. Parece que, na testada da porta, houve um revelim, acaso mais recente, de

---

<sup>1</sup> Tem-se dito que êste castelo foi edificado pelos freires da Ordem do Hospital.

cujas paredes resta a base. O estratégico aproveitamento do escarpado cabeço, donde o castelo surge, faria com que qualquer arremetida contra aquela guarita de pedras tivesse de ser desfavoravelmente realizada de flanco. Mas, além desta, havia outra dificuldade preliminar: no pano da muralha, que dava para a calçada de acesso ao castelo, havia seteiras de que se reconhece o arçage interior, porque a fôlha externa da alvenaria já derrocou nessa parte.

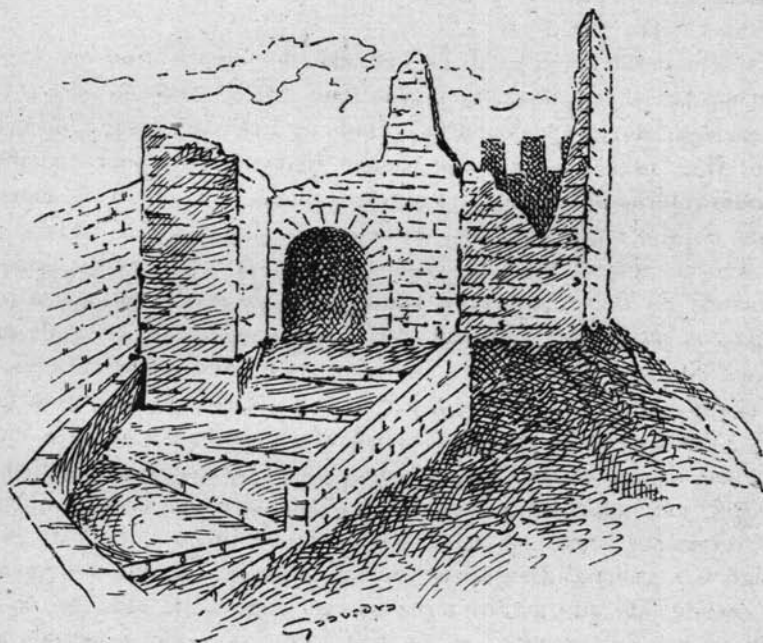


Fig. 1

A entrada é constituída por um arco de volta redonda e mede a largura de 2<sup>m</sup>,60. Pareceu-me uma restauração mais moderna que o castelo<sup>1</sup>. Vid. fig. 1.

Os pés direitos não têm impostas. As arestas das umbreiras são vivas até o princípio da curvatura; depois transmudam-se em uma canelura côncava, por meio dum elemento em relêvo com forma cônica e o vértice na aresta. Esta disposição é talvez própria do séc. XVI. Mas devo dizer que já tenho visto umbreiras de portais românicos com a canelura côncava.

<sup>1</sup> Na muralha que fica sobranceira ao Tejo, há também uma faixa que parece ser reparação mais recente.

No interior desta entrada, à mão esquerda, há, a pouca distância do chão, duas depressões na pedra; uma maior e mais extensa que a outra; naquela se firmava uma meia-tranca da porta, em diagonal. Diz a lenda que um mouro ali se encostou para urinar e o jacto do infiel vincou no granito aquele sulco indelével.

No intradorso do arco, vêem-se, impressos na argamassa, vestígios das tábuas dum simples; mais uma razão para rejuvenescer esta entrada. Em algumas aduelas interiores existem porém estas siglas:

∩      Ψ

Devem ser anteriores à reconstrução.

Na face exterior, sôbre o arco, há uma pedra a que chamam «gaveta»; crê-se em Belver ter servido de sinal a homens desconhecidos que vieram de longe, por indicação dum roteiro misterioso, e fizeram na base do muro uma escavação, donde desenterraram farta riqueza! Lembrei-me dalguma lápide

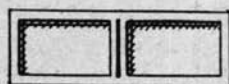


Fig. 2

romana aproveitada e espungida. Os espaços rectangulares são recntrantes. Vid. fig. 2.

Dentro do castelo, vi no meio doutros destroços um pêsso de lagar; não posso afirmar que seja tam antigo como o castelo, ou mais ainda; há-os da época romana e desta mesma forma. É uma pedra tronco-cónica com o seguinte aspecto por cima. Vid. fig. 3.



Fig. 3

Tem de alto 0<sup>m</sup>,58 e de diâmetro superior 0<sup>m</sup>,75. As calhas são de alto a baixo; no meio é uma escavação circular. Visitei uma pequena quadra abobadada, que lá classificam de cávalariça; nos silhares havia os seguintes *sinais de canteiro*: Vid. fig. 4.

U    ∩    ∩    β    ∩    ∩    r

Fig. 4

Dentro há uma capela, onde fazem ainda uma romaria a S. Marcos, advogado dos bois (*sic*) em 25 de Abril. Exteriormente a capela não tem indicê algum de antiguidade. Mas dentro há um bellissimo retábulo de castanho, no género do Renascimento, madeira nua, menos o edículo central.

Compõe-se dum corpo de talha, que ocupa internamente toda a parede posterior da capela-mor e que é dividido ao alto em 5 par-

tes por 4 colunas compositas, com ricas caneluras, rectas e torsas. As linhas extremas do retábulo, que vem a ser os recantos internos da capela, não tem colunas. A parte central é constituída por um arco ou edículo, onde se vê uma óptima estátua de S. Brás, com um pé em cima da cabeça dum porco; crê-se por isso que é advogado dos porcos. Os dois lados dêste corpo central, que é como um elegante pórtico, são avançados relativamente a êle, embora conservem a mesma altura, porque tem o mesmo entablamento; cada um dêles está repartido ao alto em duas secções iguais por uma elegante coluna ao centro e outra em cada cunhal, que o referido avançamento produz sôbre o pórtico. São portanto nesta parte do retábulo quatro secções; cada uma delas é occupada por três pequenos nichos geminados, de voltas redondas, dispostos em 3 andares. Em cada um dêstes graciosos edículosinhos existe um busto ou um braço porta-relíquias sem falta de nenhum; se o leitor atentamente seguir a minha má descrição e a entender, contará de cada lado doze nichos e ao todo vinte e quatro nesta parte da fachada do retábulo.

Superiormente ao entablamento, o retábulo occupa o mesmo plano vertical que o edículo central e formá um frontão com o contórno semi-circular; na sua zona central, abrem-se ainda simétricamente mais seis nichos pequenos, como os inferiores, três por banda, dispostos em ângulo recto os três elementos de cada grupo ou par.

Não pude infelizmente fotografar êste notável trabalho de talha portuguesa, que, excepto na parte central, nunca recebeu a ignominia da encarnação, o que lhe deu a mais linda pátina da velha madeira; isso me dispensaria da imperfeita descrição e melhor transmitiria ao leitor o merecimento artístico duma obra que devia estar, não em Belver, mas num museu de arte religiosa<sup>1</sup>.

Detrás do lugar onde seria o sacrário, sôb o edículo maior, há na talha uma cavidade quadrada, defendida por uma grade de ferro forjado, com seu cadeado; ali se guardavam algumas relíquias mais especiosas.

A imagem de S. Marcos, que está no altar, é colorida; descansa um pé sôbre um boi deitado. Como promessa dum crente, vi, ao lado do santo e portanto em cima do altar, um boi de louça vidrada das Caldas, e, como no dia da festa, a imagem vai na procissão, le-

<sup>1</sup> Lê-se no *Mapa de Portugal*, vol. II, p. 14, que foi o infante D. Luís, filho de D. Manuel, quem doou estas relíquias.

É quasi um dever do Estado a aquisição dêste retábulo.

vam também com ela o boi do ex-voto<sup>1</sup>. Não esqueço os confrontos pagãos que isto acordou em mim.

No cruzeiro da ermida há fortes colunas dóricas de pedra, assás belas, com uma grade de ferro a dividir do corpo do templo a capela-mor.

Tem estas pretensas reliquias uma lenda, que, mais ou menos alterada, se repercute em outros pontos do país. Um príncipe, apeteendo as reliquias, levou-as para Lisboa; mas elas, apenas chegadas, retrocederam para Belver, subindo o Tejo em um barco e abitando ao pôrto de S. Brás, onde se detiveram<sup>2</sup>.

Os cicerones diziam que no castelo havia uma capela subterrânea, com colunas ao meio, como as da ermida de S. Brás; não desci ao subterrâneo, de que na verdade se vêem as fauces; mas presumo que seja uma cisterna.

O castelo interiormente está desmantelado; as paredes externas existem todas; apenas em dois ou três sítios se esborroou o paramento exterior; em 1909, um cunhal da banda do Tejo desmoronou-se com o abalo de terra de Abril, mas não em toda a espessura da parede<sup>3</sup>! Existem algumas reparações e modificações, vestígios de ter sido habitado há pouco, e isso referem efectivamente do último casteleiro, Marquês das Minas.

Agora serve de cemitério; as inumações fazem-se nos destroços e entulhos dos espaços interiores! Aí se erguem inacreditavelmente alguns mausoleus da actualidade.

\*

Conserva-se erecta ao meio a tôrre de menagem. A porta desta é elevada, como de costume, mas, nas últimas occupações do castelo,

<sup>1</sup> Vê-se como neste caso a iconografia popular aberrou da eclesiástica. Consoante esta, o símbolo do evangelista S. Marcos é o leão; a S. Lucas é que pertence o bezerro.

<sup>2</sup> Esta versão difere da de J. Baptista de Castro, *Mapa de Portugal*, II, 114 (3.ª edição, Lisboa MCCCCLXX). Vide as obras alegadas por êste autor. Abstenho-me de comentar a audácia duns, a obscurecida credulidade doutros, com que são relacionadas nestas obras e nas suas fontes de informação, essas inacreditáveis reliquias. Sustenho a minha pena indignada, por ser já sobejo o desabafo. A própria Igreja condenou estas fraudes. «Gotas do virginal leite de Maria Santíssima»; «cabelos de Santa Maria Madalena»; «o vaso de marfim» em que esta guardava o bálsamo odorífero... ; Imaginem a autenticidade disto!

<sup>3</sup> O vol. I do *Dicionário Geográfico* do P.º Luís Cardoso (1747), s. v. «Belver», menciona já a derrocada junto da porta e as cisternas.

fizeram umas escadas de pedra para subir até lá. Esta porta é de volta redonda, com impostas, em uma destas duas bolas ornamentais. Parece pois que a época, em que se pode intercalar, é a do estilo românico. A espessura da parede, medida af, é de 3<sup>m</sup>,30! A porta era de fechar por dentro. No pavimento da torre, pavimento de nível muito superior ao de fora, pois que ainda excedia um pouco o da soleira desta porta, via-se, por entre o mato, a boca duma cavidade subterrânea, não sei se bem se mal conservada; o que supus é que se tratava doutra cisterna. Mais uma vez sôbre este sítio pairava a lenda da laranja, que, se fôsse arremessada para a cavidade, ia dar ao Tejo. Tem duas janelas quadradas; não primitivas como se compreende, mas de tempos muito mais modernos; noutros pontos do castelo vêem-se mais janelas assim.

Do alto é admirável e empolgante o panorama; pelo fundo do morro fogem desassossegadas as águas opacas do rio; o seu leito profundo vai entaliscado por ladeiras íngremes e penhascosas. É extraordinariamente bela a aridez desta paisagem. Mas tem o seu tanto de estígia essa beleza carrancuda.

Os cunhais da torre sómente é que são de cantaria; o entremeio é de alvenaria; mas o envasamento desta construção é verdadeiramente ciclópico! As escadas interiores torneiam as quatro paredes.

Como disse, o castelo de Belver fouca um cabeça alcantilado de despenhada penedia, menos do lado da povoação, aonde se desce por suave encosta ásperamente calçada. Do lado do Tejo, pareceu-me ver ainda uma poterna ou postigo, entre dois penedos, tam estreito que mal passaria um homem; era um arco redondo com 1<sup>m</sup>,10 de diâmetro, mas 0<sup>m</sup>,40 apenas no vivo; a sua altura era de 1<sup>m</sup>,20. Estava entaipado com argamassa e materiais miúdos de época muito antiga e dava para uns penhascos temerosos.

\*

Desçamos da medieval fortaleza, aonde vão, como por menagem, dormir seu derradeiro sono, os hodiernos habitantes de Belver e passemos a examinar os destroços duma geração mais antiga.

Em um arrabalde da povoação, que a estrada para Mação ladeia<sup>1</sup>, tem sido desenterradas por vezes, antiguidades lusitano-romanas. É

---

<sup>1</sup> Contemplado desta estrada, o castelo de Belver, lembra, pelo roqueiro da posição, o castelo de Almourol, como que transportado do Tejo e pôsto ali em sêco.

bastante extensa a área arqueológica que fornece estes restos talvez duma extinta *vila rústica*; fica abrangida pela Fonte da Moura e pelo ribeiro da Nata. Presentemente é uma quinta do Rev.<sup>mo</sup> João Duarte de Oliveira Bonjardim, que livremente me consentiu o exame não só das lápides que existem ainda no seu domínio, mas das preciosidades do seu mobiliário e baixela. Aqui lhe deixo o meu agradecimento, que se refere também à dádiva, que fez ao Museu Etnológico, de dois bronzes romanos<sup>1</sup>, encontrados na sua quinta, onde além de moedas romanas (vi também um denário de Augusto) se encontram mós manúarias, tejos, etc.

As primeiras inscrições que vi, ao chegar a Belver, estavam em casa do estimadíssimo clínico, Sr. Dr. João José Rodrigues. E não devo passar adiante sem consignar neste escrito o sincero reconhecimento, de que me deixaram possuído as múltiplas provas de estima e consideração, tão cordeais como espontâneas, com que me cercou durante a minha demora em Belver este cavalheiro amável e generoso, acompanhando-me nas visitas arqueológicas que fiz à Quinta do Ribeiro da Nata e a Gavião e hospedando-me afectuosamente.

Possuía S. Ex.<sup>a</sup> uma tósca lápide de chisto encontrada na referida quinta. Fendida em sentido diagonal, o seu contôrno exterior era o dum rectângulo, a que tivessem quebrado o ângulo superior direito. De comprimento media 0<sup>m</sup>,65; de altura, 0<sup>m</sup>,30 e de espessura, 0<sup>m</sup>,08. Lê-se:

ADORIS·

TAI DI·F



Fig. 5

A lápide é tósca e incompleta, como incompleta é a epígrafe. Verdadeiramente curioso era porém o seguinte objecto, da mesma proveniência<sup>2</sup>. É um paralelepípedo de pedra (gneiss ou chisto) com 0<sup>m</sup>,15 de comprimento e 0<sup>m</sup>,035 de lado. Junto dum dos seus extremos, há em toda a volta, uma zona onde corre uma inscrição, zona próximamente da altura dos caracteres, e separada do restante paralelepípedo por um

<sup>1</sup> *Arch. Port.*, xvi, 106.

<sup>2</sup> Actualmente encontra-se no Museu Etnológico, como dádiva do seu generoso possuidor. Em nome daquela instituição, exaro aqui o devido agradecimento Foi lida a palavra pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.



vinco fundo, que igualmente circunda a pedra. Reproduz-se, em metade do tamanho, na fig. 5. o objecto, que está fragmentado nas duas extremidades. A inscrição é uma simples palavra.

## ALLIANI

Este genitivo denota posse e portanto *a ratione* parece que este objecto penderia daquilo que era objecto da posse de *Allianus*.

Talvez tivesse sido um *pondus* de tear. Mostra além disto incisões paralelas ao eixo do sólido, que terminam no vinco circundante. Parecem ornamentais. Na arqueologia lusitano-romana este objecto creio que é exemplar único <sup>1</sup>.

Da estação de Liceia há, no Museu Etnológico, um paralelepípedo de pedra polida com incisões, que tem alguma analogia com os do exemplar de Belver, salvo as letras (fig. 6). Mede 0<sup>m</sup>,11 no comprimento, 0<sup>m</sup>,025 e 0<sup>m</sup>,02 nos lados.

Na área da hipotética *vila rústica* há um tanque chamado de S. Joaquim. Revestida pela argamassa duma das paredes, de maneira que qualquer medição induziria em erro, encontra-se a seguinte lápide:

BOVDELVS  
CONCELTI · F  
[an] N · L + V



Fig. 6

Note-se a penúltima letra da 3.<sup>a</sup> linha; é um X cruciforme. Não é vulgar, mas o *Corpus* consigna outro exemplo (C. I. L. de E. Hübner, Supl. n.º 5:729). Temos pois que: *Boudelo, filho de Concelto* (morreu com) *65 anos de idade*.

<sup>1</sup> Uma hipótese, que imaginei para este paralelepípedo, foi a de distintivo de escravatura. Mas não tendo encontrado nos tratadistas cousa que a abonasse, pu-la de parte. Tempos depois li que os nomes dos *senhores* se inscreviam não só nas coleiras, mas em lâminas de metal suspensas daquelas. Não poderia suceder que em sertaneja *vila* a peça metálica fôsse substituída por um pingente de pedra, como aquele de que me ocupo?

Eis o trecho que deu algum calor à minha hipótese: «Antiquis Romanis (ait Spon, *Misc. erud. antiq.*, p. 300) mos erat servos a fuga recuperatos stigmatibus notare, hoc est literis aut notis quibusdam frontem inurere. Cum vero Constantinus id vetuisset, quod dedeceret faciem, quae ad similitudinem coelestis pulchritudinis est figurata, maculari, contumeliam frontis ad collaria, quae fugitivis aptabantur, transtulerunt; in quibus inscriptum domini nomen aut saltem in laminis iis appensis legebatur. (*Notiones archaeologiae christianae*, a. P. Syxto, vol. 1, pars prior, pp. 157)».

Na habitação da mesma quinta, há uma escada de pátio com uma pedra, onde se lê:

I VRANVS

¶ALVQVI

Mede  $0^m,52 \times 0^m,25$ . A 1.<sup>a</sup> letra da 1.<sup>a</sup> linha é atingida por uma fractura na sua parte superior. Deve ser um T.

Estes nomes são estranhos à onomatologia propriamente romana; facto êste que, embora não seja uma revelação, tem importância para a etnologia portuguesa, no mais largo sentido.

Defronte das arribanas, no caminho e embebida na parede, vi uma pedra que suspeitei ser uma ara com as letras voltadas para dentro. Só a demolição da parede, que pertencia ao Sr. David Graça, poderá resolver a desconfiança.

Na eira da quinta havia dois fustes de colunas com as molduras destruídas.

Em uma parede sobre uma ribeira, estava uma grande pedra  $0^m,78 \times 0^m,55$  com êste final:

[h]ICSITVS

Quem pois percorre esta área, convence-se de que ali existiu na época romana uma exploração agrícola, uma *vila rústica*, de que os séculos subverteram as próprias ruínas. A julgar de factos similares, para a construção do castelo, devem ter concorrido materiais dessa época. Nenhuma lápide porêm lobriguei nos cunhais do poderoso monumento. Mas no estado actual do terreno percorrido, não encontrei nenhuma indicação bastante para empreender uma exploração metódica, num determinado ponto de preferência a outro. Os edificios (cfr. os fustes) e a necrópole (cfr. as lápides) tinham sido arrastados na destruição e o terreno estava todo agricultado. Por vezes achados casuais indicam o caminho ao arqueólogo. Aguardemo-los.

\*

¿Que direi de Belver actual? Num recanto da povoação encontrei a base do seu antigo pelourinho e alguns pedaços dos respectivos degraus com astragalo. A base era oitavada. Veja-se a fig. 7.

Duma antiga indústria, que foi origem de reiteradas reclamações populares por causa dos monopólios de que os reis dispunham, encontra-se ainda em Belver um abatido exercício; são as saboarias.

A carestia porêm do azeite tem prejudicado, segundo me disseram, as qualidades do produto.

Algumas notícias, que recolhi, podem ser aproveitáveis em futuros trabalhos. Na ribeira de Belver, ribeira que desemboca no Tejo ao fundo do castelo, há um pego, chamado o *Poço das Pombas*, junto à sua foz, vendo-se aí a entrada duma galeria de tejo-lo, que vai dar ao castelo; a entrada porêm está entulhada; isto disse-mo o mesmo distinto médico a quem acima me refiro, como tendo-a visto, quando, na sua mocidade, ali ia banhar-se.

Na margem direita da Ribeira de Canas, ainda freguesia de Belver, há a *Lapa da Moura*, onde se vêem vestígios de exploração duma gruta.

As raparigas que pertencem àquelas margens procuram ouro nativo na ribeira, para depois comprarem os seus enfeites com a permuta dos achados.

Na herdade da Represa há restos de albufeira romana e vestígios de mina; em Gavião chamam a ribeira da Margalha.

Em Belver até às margens do Raia, não há antas; na margem esquerda do Raia há a herdade dos Antões, que poderá ser plural de nome de pessoa. Isto pertence ao concelho de Nisa; há lá muitas antas.

F. ALVES PEREIRA,

ex-conservador.

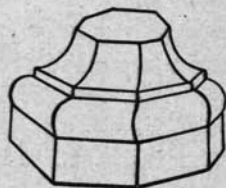


Fig. 7

### Facas e raspadores da estação paleolítica de Monsanto I

Em artigo publicado na primeira parte do volume XVII do *Archeologo Português*, subordinado ao título de «O Paleolítico em Portugal—Estado actual do seu estudo», apresentei algumas considerações sobre o que me parecia ter sidó até a data, Maio de 1912, o trabalho produzido neste ramo da sciência arqueológica. Nessas notas referi-me ao descobrimento da estação de Monsanto I, apontando-o como origem do renascimento do estudo do paleolítico português, e classificando-a como principal monumento dentro da área dêsse estudo. Algumas palavras ainda, sobre a estação:

Dá-se o nome de Serra do Monsanto ao conjunto maciço de elevações, cujas cotas oscilam entre 116 e 225 metros, que a oeste